

14-06-2022

**DOR, DOR, DOR...****Damiana Pereira de Sousa**

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Demoro a escrever, demoro a pensar, demoro a digerir. Elas, as palavras, me faltam. Angústia? Medo? Raiva? Tristeza? Ódio? (alguns diriam que ódio é uma palavra pesada). Sim, concordo, ódio é uma palavra pesada, mas o que sentir diante de tantas atrocidades que ocorrem no Brasil? Atrocidades contra corpos, mentes e almas. Tem dias que leio, atônita, notícias horripilantes, sobretudo quando se trata de vidas indígenas. Dados do CIMI revelam um crescimento assombroso das violências contra esses povos. Invasões e casos de exploração de recursos naturais e de danos ao patrimônio registrados em 2020 repetem o padrão de 2019. Os invasores (madeireiros, garimpeiros, caçadores e pescadores ilegais, fazendeiros e grileiros) invadem terras indígenas para se apropriar ilegalmente da madeira, devastar rios inteiros em busca de ouro e outros minérios, além de desmatar e queimar largas áreas para a abertura de pastagens. Dividem a terra em “lotes” comercializados ilegalmente, inclusive em terras indígenas habitadas por povos isolados (CIMI-Conselho Indigenista Missionário, 2020). A Terra Indígena Yanomami, demarcada e homologada pelo Decreto s/n, de 26 de maio de 1992, vive em constante estado de alerta, devido a ações criminosas de garimpeiros. Segundo a Associação Yanomami Hutucara, existem cerca de 20 mil garimpeiros no território, gerando conflitos e a iminência de um massacre. No território brasileiro, a população Yanomami é estimada em cerca de 27 mil indígenas que vivem em 96 mil km<sup>2</sup> entre os estados do Amazonas e Roraima. Conforme Sônia Guajajara, desde 1992, a TI Yanomami passa por diversos ataques, sobretudo oriundos da ação do garimpo, semelhantes aos anteriores à demarcação. ....

Pois bem, os corpos-territórios dos Yanomamis estão sendo feridos e exterminados em um processo rápido e violento. Os invasores poluem os rios sagrados com metais pesados e violam mulheres e crianças em ataques brutais. Em um desses ataques, a comunidade Yanomami foi invadida, quando sequestraram duas indígenas estuprando uma menina de 12 anos até a morte e jogaram uma criança de 3 anos no rio (veja). Um horror! Na sequência, após denúncias desses eventos macabros, a comunidade SUMIU ou, como pontuou a liderança Guajajara, TEVE QUE SUMIR. Tweets - #CADÊOSYANOMAMIS? Impulsionados pelo brusco desaparecimento da comunidade Aracacá/região de Waikás (onde viviam a adolescente morta e a criança atirada ao rio) invadiram as redes cobrando atitude do governo federal. Até o fechamento dos originais dessa crônica, não havia notícias sobre o paradeiro dessa comunidade. Foi realmente uma queimada devido às tradições (?), como consta de carta (veja) divulgada pelo Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana (Condisi-YY)? "*Líderes indígenas analisaram as imagens da comunidade queimada, e relataram, conforme costume e tradições, que após a morte de um ente querido, a comunidade em que residia é queimada e todos evacuam para outro local*". Não se sabe exatamente o que aconteceu, diante dos relatos de cooptação de lideranças indígenas pelo garimpo.

O que está elucidado é o projeto de morte, descaso sem precedentes. Barbáries e mais barbáries. Nada foi feito! Digo nada, porque pesquisei e não encontrei respostas relacionadas à identificação e punição dos culpados. Entretanto, há lutas por parte de lideranças indígenas contrárias a esse projeto letífero. A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) entrou com ação no Supremo Tribunal Federal (STF) solicitando proteção ao povo Yanomami, exigindo adoção imediata de medidas de proteção à vida, saúde e segurança das populações das TIs Yanomamis e Munduruku.

A Apib, o CIMI e várias lideranças indígenas também denunciam o atual governo por boicotar fiscalização contra o garimpo na TI Yanomami, incentivar violências e tentar acabar com a proteção das terras indígenas. Diante disso, é urgente que o Estado brasileiro cumpra seu dever constitucional e promova a retirada do garimpo das TIs. Ressalto também a importância das universidades, em valorizar os corpos-territórios indígenas, do seu compromisso ético diante desse cenário sombrio. A ciência não pode estar absorta e desconsiderar esse projeto político de morte contra os povos indígenas e seus territórios. É inaceitável! .....

São histórias de terror, triplicado contra as mulheres indígenas. O corpo da adolescente Janelly Grigório André (15 anos), do povo Wapichana, foi encontrado (10/05/22) amarrado a uma árvore num igarapé no município do Cantá/RR, quase um mês depois de seu desaparecimento (23 de abril) ao sair de curso profissionalizante em administração, sendo identificado quatro dias depois por perícia odontológica (devido ao avançado estado de decomposição). A assessoria jurídica do Conselho Indígena de Roraima (CIR) (G1, 18/05/22) e a ativista Célia Xakriabá acompanham o caso.

A dor é profunda e todos nós, brasileiros comprometidos com os direitos humanos, morremos um pouco. O processo segue sem informações sobre culpados e punições. Ou seja, a guerra silenciosa contra as nações indígenas continua liquidando vidas dia após dia. Como digerir notícias assim?

Como escrever sem que lágrimas jorrem e a angústia tome conta?

Como não sentir raiva, ódio? Como lidar com frases do tipo “Ah, mas vocês têm um discurso raivoso” E você, não? O sonho é fazer uso da arte da palavra para falar sobre vida, poesia, flores e cores, sabe por quê? Porque é sobre isso que as populações indígenas sabem falar e ensinar. Mas é preciso estarem vivas para isto. Mortas! Daiane Kaingang, Raissa Kaowá, Janelly Wapichana não vão voltar! Quantas mais? Quantos mais? ..... O choro vem, e que bom, pois já dizia Shakespeare “chorar é diminuir a profundidade da dor”.

É preciso viver o luto, encarar a dor e seguir na luta. Aprendi com Chimamanda Ngozi Adichie que o luto é uma forma cruel de aprendizado:

**“O LUTO NÃO É ETÉREO; ele é denso, opressivo, uma coisa opaca.**

***O peso é maior de manhã, logo depois de acordar: um coração de chumbo, uma realidade obstinada que se recusa a ir embora... Você aprende como ele pode ser pouco suave, raivoso. Aprende como os pêsames podem soar rasos. Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras.*”.**

**Não tenho palavras... Janelly Wapichana (foto),  
Kaingang, Kaowá, Yanomami...**



Janelly Wapichana, 15 anos

♦ ♦ ♦

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*